

---

## Nota Conceitual: 3ª Conferência Africana sobre Dívida e Desenvolvimento (AfCoDD III)

*“Os 4Rs da África que Dita as Regras: Reimaginar, Repensar, Reorganizar e Remobilizar por uma Ordem Mundial Africana”*

De 30 Agosto a 01 Setembro 2023, Dakar, SENEGAL

---

### 1. Introdução

O Fórum e Rede Africana sobre Dívida e Desenvolvimento (AFRODAD, acrónimo em inglês) e seus parceiros apresentam a [3ª edição da Conferência Africana sobre Dívida e Desenvolvimento \(AfCoDD III\)](#) que acontecerá de 30 de Agosto a 01 de Setembro de 2023 em Dakar, Senegal. [Inaugurada em Agosto de 2021](#), a AfCoDD, um dos três principais programas coordenados pelo AFRODAD, procura reunir **todos os cidadãos africanos** para discutir, debater e decidir o caminho para a autodeterminação económica, política e social da África.

- *22 países africanos foram identificados pelo FMI como em situação ou em risco de sobreendividamento.*
- *A dívida pública na África Subsaariana mais do que triplicou desde 2010. A dívida pública externa africana total situou-se em USD 726 mil milhões em 2021.*
- *O déficit fiscal aumentou para 5,2% do PIB em 2022, acima dos 4,8% estimados do PIB em 2021.*
- *O rácio da dívida pública em relação ao PIB subiu de 32% em 2010 para 57% em 2022 (56% na África Ocidental e Central; 64% na África Oriental e Austral).*
- *Os países africanos deviam US\$ 644,9 mil milhões a credores externos em 2021.*
- *Os países africanos pagarão US\$ 68,9 mil milhões em serviço da dívida em 2023.*
- *A dívida dos países africanos era equivalente a 24% do seu PIB combinado em 2021.*
- *Entre 2019 e 2020, os países subsarianos transferiram US\$ 10,5 e US\$ 1,04 mil milhões aos credores privados e aos chineses, respectivamente.*
- *Os dados do Banco Mundial, ampliados por ajustes da Fitch, indicam que o total de pagamentos do serviço da dívida externa com vencimento no próximo ano entre os soberanos da ASSx chegará a US\$ 22,3 mil milhões, superando os US\$ 21,4 mil milhões em 2022\**
- *Mais dezoito milhões de pessoas caíram na pobreza em 2022, ocasião em que a COVID-19, a guerra na Ucrânia e as mudanças climáticas colocaram milhões de pessoas pobres em situação de vulnerabilidade. Há cerca de 546 milhões de africanos a viver em situação de pobreza extrema.*
- *Do total global de aproximadamente 388 milhões de mulheres que vivem em extrema pobreza, 244 milhões são subsaarianas\*\**

\*Classificações da Fitch – ASSx = África Subsaariana, excluindo a África do Sul. Estes números excluem a Zâmbia (Incumprimento Restrito) e o Gana (CC), dada a incerteza sobre a forma como a reestruturação da dívida afectará os pagamentos do serviço.

\*\* Un Women <https://data.unwomen.org/features/poverty-deepens-women-and-girls-according-latest-projections>

### Vejamos os números:<sup>1</sup>

A policrise que a África enfrenta está a reverter os ganhos duramente conquistados na redução da pobreza, uma vez que a profunda consolidação fiscal e os programas de austeridade dominam a política macroeconómica.<sup>1</sup> Mesmo com programas de alívio da dívida como a Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida (ISSD), o Quadro Comum do G20 e os Direitos Especiais de Saque (DES) do FMI,

---

<sup>1</sup> Various sources including AFRODAD's Debt Heat Map; African Development Bank; International Monetary Fund; ONE Data; Finance Development Lab; World Bank

muitos países africanos são obrigados a pagar a dívida bilateral e a dívida do sector privado, prejudicando a sua capacidade de responder às pressões socioeconómicas internas e, de facto, desinvestir nos serviços públicos. Paradoxalmente, embora seja um credor líquido para o resto do mundo, a África repatria aos países desenvolvidos receitas altamente necessárias, na forma de serviço da dívida, transferência de lucros, exportações de matérias-primas e importação de produtos acabados, que, juntamente com o comércio interno limitado, restringem ainda mais a capacidade do continente de prover serviços essenciais aos seus cidadãos, inclusive o tão necessário investimento em redes de segurança social.

***Isso confirma a posição da Sociedade Civil Africana de uma dívida global fracturada e uma arquitectura financeira que prioriza os lucros acima das pessoas e que afecta os africanos desproporcionalmente.***

A situação de crise perpétua da África e o modelo de formulação de políticas de dependência precisam, portanto, ser repensados. Na [AfCoDD II, o principal discurso postulado](#) foi a perpetuação da colonização em África, embora a dívida não fosse ruim em si, em sua forma actual. Trata-se da variável mais importante que impactou a forma como o neocolonialismo enraizou-se no continente africano. Para sair deste círculo vicioso, a África necessita encontrar saídas para a visão de curto prazo do planeamento macroeconómico, aprimorar a produção e a industrialização, aumentar a mobilização de recursos domésticos e reforçar a sua autonomia interna e externamente. A um nível mais fundamental, este debate problematiza a função da dívida e demais diferenciais de poder no capitalismo tardio, além de questionar paradigmas de desenvolvimento, notadamente o regime hegemónico de desenvolvimento liderado por obras de infraestrutura, o qual sustentou a dependência financeira da África na década de 2020<sup>2</sup>, estreitando as oportunidades de MRD no continente.

Para concretizar estas quatro propostas, a AfCoDD III apresenta os ***“Os 4Rs da África que Dita as Regras: Reimaginar, Repensar, Reorganizar e Remobilizar por uma Ordem Mundial Africana.”***

O AFRODAD e seus parceiros dão as boas-vindas a todos os participantes da AfCoDD III! A página da Conferência está disponível [aqui](#).

## 2. Contexto

No início de 2023, a República do Gana tornou-se o quarto país africano (e o quinto globalmente) a recorrer ao Quadro Comum do G20 para alívio e reestruturação da dívida. Isso aconteceu após o país [ter dado um incumprimento às euro-obrigações](#) e ter sido rapidamente [rebaixado pela agência de classificação de crédito](#) Fitch. As Repúblicas do Chade, Etiópia e Zâmbia tem seguido os mesmos passos desde 2020. Em todo o continente, vários países começam a apresentar sintomas semelhantes que indicam incumprimento ou necessidade de recorrer ao Quadro Comum do G20. Esta situação é mais grave do que aparenta ser. O peso da dívida de África está a tornar-se um fardo directo para os africanos que pagam o preço pela irresponsabilidade na tomada e na concessão de empréstimos. Apesar do peso da dívida, entretanto, instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) continuam a oferecer empréstimos aos governos africanos sob o pretexto de serem “altamente concessionais”. Neste contexto, também lançaram uma estratégia de género, mas os mesmos impactos económicos violentos no continente e nas mulheres perduram. A África está presa numa armadilha que vai além da contracção no espaço da política fiscal, mantendo-se refém

<sup>2</sup> Dívida, angústia, espoliação: em direcção a uma economia política crítica da dependência financeira da África por Tim Zajontz; Páginas 173-183

da baixa capacidade produtiva entrincheirada pela ordem económica neoliberal, que bloqueia qualquer uma de suas tentativas de produzir e transformar suas economias em centros manufactureiros e industriais de produção global.

As opressões são históricas e contemporâneas. A ordem colonial e neocolonial perdura por meio de uma diplomacia branda e da dependência a conta-gotas, na forma de assistência oficial ao desenvolvimento, investimento directo estrangeiro, e promessas de milhares de milhões do sector privado do Norte global, revestidos de intervenções políticas que aparentemente visavam a criação de um ambiente hospitaleiro para o capital estrangeiro entrar e sair, com mínima retenção de valores no continente. ***Há muito tempo argumenta-se que esse extrativismo na assessoria política contribui para o subdesenvolvimento do continente.*** As questões contemporâneas surgem da globalização e da integração de África numa arquitectura distorcida a favor de nações mais pujantes e ricas, bem como de regras globais que beneficiam exclusivamente os países do norte global. São elas: a ressaca da Covid-19 que ainda reverbera no continente, onde a actividade económica se quer atingiu os níveis pré-pandemia; o conflito em curso na Europa que interrompe as cadeias de abastecimento alimentar demonstrando a vulnerabilidade da África; o aumento das taxas de juro a nível mundial<sup>3</sup> que eleva o custo da dívida e do serviço da dívida, colocando ainda mais pressão sobre os tensores orçamentos nacionais; a invisibilização do trabalho feminino como sustentáculo das economias; e a persistente emergência climática para a qual África pouco contribuiu, mas que em muito é cobrada. De acordo com o [African Macroeconomic Economic Outlook 2022](#), as perspectivas de África estão sob ameaça. Se essas condições prevalecerem, os riscos de incumprimento da dívida tendem a aumentar em alguns países africanos. A frente política é igualmente preocupante, tendo em conta os recentes acontecimentos no Sudão, Mali, Burkina Faso e Chade, com eleições nacionais planeadas em 30 países africanos em 2023 e 2024, podendo aumentar a incerteza sobre uma política macroeconómica sustentada e enfraquecer o sentimento dos investidores.

A arquitectura financeira global não serve aos propósitos de África e dos africanos<sup>4</sup>. O African Economic Outlook 2022 ***estima que quinze milhões de novas pessoas foram levadas à pobreza extrema na África devido ao aumento global dos preços de energia e alimentos em 2022***, agravando o aumento da pobreza extrema induzida pela pandemia da COVID-19. O *Africa Regional Economic Outlook 2023* do FMI revela que ***a dívida pública e a inflação*** alcançaram níveis jamais vistos em décadas, com inflação de dois dígitos presente em cerca de metade dos países—***"a corroer o poder de compra das famílias e a atacar os mais vulneráveis."*** ***Sabemos que as mulheres carregam o fardo de manter as famílias unidas e, portanto, continua a ter um impacto desproporcional sobre as mulheres africanas.*** Neste contexto, a recuperação da economia africana foi interrompida. O aperto de financiamento também afectará as perspectivas de longo prazo da região. O relatório do FMI também confirma: ***"A escassez de financiamento pode forçar os países a reduzir os recursos aos sectores críticos de desenvolvimento, como saúde, educação e infraestrutura, enfraquecendo o potencial de crescimento da região."***<sup>5</sup> ii

***Chegou a hora de os países africanos tomarem o seu destino em suas próprias mãos, contra tudo e contra todos, considerando o que alinha os fluxos financeiros de forma a promover o***

<sup>3</sup> Taxas de juro elevadas, especialmente nos EUA, tendem a levar a um aumento do custo do serviço da dívida, dado que muitos países africanos têm dívida expressa em dólares. O risco associado a esta tendência é que pode levar alguns países a um risco elevado de sobreendividamento.

<sup>4</sup> <https://blogs.lse.ac.uk/covid19/2020/07/28/sub-saharan-countries-are-taking-on-more-debt-and-women-will-bear-the-brunt-of-repaying-it/>

<sup>5</sup> <https://www.imf.org/en/Publications/REO/SSA/Issues/2023/04/14/regional-economic-outlook-for-sub-saharan-africa-april-2023#Chapters>

**desenvolvimento inclusivo e a transformação estrutural sustentável do continente sem agravar as suas vulnerabilidades.** Aquele que está impregnado dos ideais do primeiro movimento pan-africano de libertação. Chegou a hora da **África que Dita as Regras e Não se Submete às Regras!**

### 3. Vozes de desilusão x vozes de descontentamento...

*“Não há crise da dívida... não estamos a ver níveis de dívida tão elevados como eram antes dos PPAE e da IMAD ...” (Funcionários do FMI participam nas Reuniões da Primavera de Abril de 2023 e nas Reuniões do ECOSOC da ONU de Abril de 2023)*

*“Aqueles que criticam a globalização são lunáticos” (Director-geral do FMI durante a Integração Comercial em África – Libertar o Potencial do Continente num Mundo em Mudança, Diálogo de Alto Nível no Quênia 2023)*

*Instituições financeiras multilaterais como o Banco Mundial e o FMI precisam de uma reinicialização” (Achim Steiner, Administrador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento)*

*O Acordo de Bretton Woods que deu origem ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional (FMI) “já não serve no século XXI para o que serviu no século XX...” (Mia Motley, Primeira-Ministra de Barbados, 2023)*

*“Quando vemos a pobreza e a fome a aumentar em todo o mundo.... Quando os países em desenvolvimento são forçados a pagar cinco vezes mais em custos de empréstimos do que as economias avançadas... Quando é negado aos países vulneráveis de rendimento médio o financiamento concessional e o alívio da dívida... Quando o 1% mais rico ficou com quase metade de toda a nova riqueza na última década... Algo está fundamentalmente errado no nosso sistema económico e financeiro. A arquitectura financeira mundial está no cerne do problema. Deveria ser um meio pelo qual a globalização beneficiaria a todos, no entanto, está a falhar. Um novo compromisso para colocar as necessidades trágicas dos países em desenvolvimento no centro de todas as decisões e mecanismos do sistema financeiro global.” (António Guterres, Secretário-Geral da ONU, 2023)*

*“Estamos a reivindicar uma arquitectura financeira vantajosa para todos que consiga colocar todos no mesmo barco”... “É necessário rever o actual sistema financeiro para cumprir o seu propósito. Não creio que reforma seja a palavra certa. Precisamos de uma nova arquitectura para responder às mudanças climáticas” (William Ruto, Presidente do Quênia)*

*“A convergência de crises globais de Covid-19, clima e fome demonstrou que o actual sistema financeiro global está aquém do esperado...” (Mia Motley, Primeira-Ministra de Barbados e Hakainde Hichilema, Presidente da Zâmbia, 2022)*

*“... A Zâmbia, portanto, alinha-se com o vosso apelo à reforma do sistema financeiro internacional, de modo a apoiar o crescimento económico sustentável, inclusivo e equitativo, a criação de emprego, bem como a erradicação da pobreza e o reforço da segurança alimentar.” (Hakainde Hichilema, Presidente da Zâmbia, 2023)*

### 4. Os 4Rs da África que Dita as Regras: Reimaginar, Repensar, Reorganizar e Remobilizar por uma Ordem Mundial Africana

Não basta uma simples evolução na arquitectura financeira global<sup>6</sup>, ela precisa de uma transformação radical. A arquitectura financeira não tem apenas a ver com finanças, tem a ver com política externa na medida em que África interage num mundo cada vez mais interligado. No norte global, a política externa está profundamente arraigada na política económica do comércio internacional, pois está profundamente enraizada na política de segurança e na política de cooperação para o desenvolvimento. Isso é claramente evidenciado por duas tendências principais: (i) o movimento gradual à direita de muitas democracias do norte global e o surgimento de novos actores na economia mundial; e (ii) a pandemia global<sup>iii</sup> e o conflito na Europa, que assistiu o cruzamento da diplomacia económica, externa e de segurança, seja em função da produção de vacinas ou das sanções. Como tal, se formos pensar na “África que Dita as Regras e Não se Submete às Regras,” nesse caso, é imperativo que África tenha uma política externa. Timothy Murithi faz uma questionamento muito pertinente à AfCoDD III: *“Para chegar lá, precisamos nos perguntar se temos conseguido consolidar a postura da nossa política externa no continente e no mundo para promover o nosso interesse nacional. Por outras palavras, como distinguimos a nossa análise do equilíbrio de forças mundial e o seu impacto na nossa perspectiva de política externa?”*<sup>7</sup>

Os 4Rs da África que Dita as Regras é mais do que uma frase de efeito da AfCoDD III. É um conjunto de condições que nos despertam para o potencial do continente.

### **REIMAGINAR - Quem é a África quando ela própria dita as regras?**

O slogan *“billions to trillions”* (milhares de milhões a biliões) foi utilizado para demonstrar o montante de financiamento necessário para alcançar os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas. *E se nós, africanos, reimaginássemos o nosso próprio conceito de milhares de milhões a biliões (billions to trillions) sem estarmos presos a uma estrutura neoliberal e neocolonial que investe milhares de milhões, mas leva embora biliões de África?*

Segundo o Relatório de Riqueza da África 2022, há US\$ 2,4 biliões de riqueza total investida no continente. Este número, por si só, abafa as alocações em AOD, IDE, alívio da dívida e DES que África está a receber. A estrutura económica nacional e continental é definida pelo desenvolvimento fortemente sustentado por empréstimos, fracas oportunidades de mobilização de recursos domésticos para financiar os orçamentos nacionais, má

governança dos recursos minerais e a sua fraca alavancagem pró-desenvolvimento que leva à perda de receitas. Essa falta de imaginação ou reimaginação de como a África pode usar a sua própria riqueza deve-se, em parte, a uma arquitectura global manipulada, bem como a fracas instituições, frágeis mecanismos de responsabilização da dívida pública, más opções de investimento e corrupção endémica que agravam os desafios representados pela gestão ineficaz da dívida pública.

#### **Reimaginando os Milhares de Milhões a Biliões da África**

**USD 2.4 biliões - Riqueza total que pode ser investida e mantida no continente.**

**138,000 - Milionários que vivem em África, cada um com fortuna de pelo menos USD 1 milhão.**

**328 - Centimilionários que vivem em África, cada um com fortuna de pelo menos USD 100 milhões.**

**23 - Bilionários que vivem em África, e cada um com fortuna de pelo menos USD 1 mil milhões.**

<sup>6</sup> <https://www.imf.org/en/News/Podcasts/All-Podcasts/2021/03/22/jason-braganza>

<sup>7</sup> Ordem da Opressão: A Busca de África por um Novo Sistema Internacional, Timothy Murithi, <https://www.foreignaffairs.com/africa/global-south-un-order-oppression>

Consequentemente, os países africanos foram forçados a continuar no caminho da tomada de empréstimos e lidar com um novo cenário de credores, desta vez mais voltado para o lucro do que antes, e caracterizado por práticas predatórias que também tiram proveito das generosas classificações de crédito, as quais são incoerentes com as dificuldades económicas da África e ignoram os riscos da fraca sustentabilidade da dívida.

**REIMAGINAR** significa permitir que a mente se aventure e explore áreas e questões raramente abordadas na busca da emancipação económica, política e social. Por exemplo, em 2021, a população feminina situou-se em 50,17% em 53 países africanos enquanto mais de [60% da população africana tinha menos de 25 anos](#). Até 2030, os [jovens africanos](#) deverão constituir 42% da juventude mundial. **Reimaginar exige que aceitemos que o futuro de África são as mulheres e os jovens**. Diz-se que África tem a taxa mais elevada de empresas criadas por mulheres, corroborando a constatação do Relatório de Empreendedorismo Feminino 2021/22 do Monitor do Empreendedorismo Global de que as mulheres são mais propensas ao empreendedorismo do que os homens. As mulheres africanas também contribuem significativamente de várias maneiras para a geração de riqueza no continente, por exemplo, por meio de gastos de consumo, participação na força de trabalho e abertura de empresas, além de que as mulheres empresárias impulsionam a inovação e o crescimento económico. Seria maravilhoso ver as mulheres africanas liderarem a incursão no ecoturismo e transformarem as suas pequenas propriedades agrícolas em formidáveis empresas.

---

### **REPENSAR – Onde está a África sem a dependência da Ordem Económica e Política Neoliberal?<sup>8</sup>**

No centro da actual situação de endividamento encontram-se a desigualdade e suas múltiplas facetas, bem como os problemas de governação da dívida que precisam de ser corrigidos. A nível global, existe uma desigualdade na tomada de decisões. Esta desigualdade está enraizada nas práticas neoliberais e neocoloniais que pressupõem que alguns ditam as regras e os demais só obedecem.<sup>iv</sup> Através do Conselho de Segurança [das Nações Unidas](#), em particular, a China, a França, a Rússia, o Reino Unido e os Estados Unidos exerceram uma influência descomunal sobre as nações africanas e relegaram os governos africanos a meros espectadores nos seus próprios assuntos.<sup>9</sup> A nível nacional, tem-se verificado uma captura do contrato social dos cidadãos pelo sector privado que ameaça corroer a coesão social e o contrato social, consolidar a insegurança e travar o crescimento da produtividade. A combinação destes factores globais e nacionais fez com que África continuasse a ser um actor periférico em meio a uma economia global, justamente na qual é o mais importante contribuinte para o comércio internacional. Em relação aos seus vastos depósitos de recursos naturais, a penetração das exportações africanas nos mercados internacionais é travada por políticas industriais que desestimulam a concorrência e a agregação de valor aos produtos primários. O papel do Estado em permitir que as finanças públicas e privadas nacionais trabalhem para a prestação de serviços africanos e para o crescimento da produtividade é prejudicado pela erosão da base de receitas para as empresas estrangeiras. **REPENSAR** a nossa estrutura económica seria reconhecer que as pequenas e médias empresas em África são a espinha dorsal das economias africanas. Representam cerca de 90% de todas as empresas privadas, sendo responsáveis por mais de 60% dos empregos na maioria dos países africanos (ITC, 2018).<sup>10</sup> A falácia

<sup>8</sup> <https://www.afronomicslaw.org/2020/05/22/pandebtmic-potential-impact-of-the-covid-19-pandemic-in-kenya/>

<sup>9</sup> Ordem da Opressão: A Busca de África por um Novo Sistema Internacional, Timothy Murithi, <https://www.foreignaffairs.com/africa/global-south-un-order-oppression>

<sup>10</sup> <https://www.uneca.org/chapter/economic-report-africa-2020/private-sector-africa>

de renunciar à mobilização de receitas fiscais para atrair investimento estrangeiro directo foi finalmente exposta. Apesar de oferecer generosas suspensões fiscais e isenções, a contracção do IDE desde 2016 pode ser atribuída ao declínio e à volatilidade dos preços internacionais dos produtos extractivos, bem como ao insuficiente investimento em novos ou maduros campos de exploração e produção de petróleo.<sup>11</sup>

**REPENSAR** uma ordem económica africana exige um afastamento da produção de bens primários e das exportações. É preciso dar um basta no modelo de atracção de investimentos ditado pelo mercado. Também requer um modelo liderado pelo Estado voltado ao progresso interno do continente e da sua gente. O que confirma essa noção é a desaceleração do investimento estrangeiro quando se observa uma redução na geração de lucros, causando impacto directo no nosso continente e nas nossas populações. Fica ainda mais complicado quando aceitamos que a ordem internacional baseada em regras não serviu aos interesses da África, pelo contrário, apenas perpetuou o *status quo*, fazendo com que as principais potências mundiais mantivessem suas posições de domínio sobre o Sul global e, mais especificamente, sobre a África.

---

### **REORGANIZAR – O que acontece quando os Estados Africanos se unem?**

Uma visão africana para a ordem global seria baseada no princípio da igualdade e na necessidade de corrigir erros históricos. A tradição política e intelectual da África baseia-se na sua experiência como um continente em busca de liberdade, extraíndo ideias das lutas anticoloniais e antiapartheid. Essa ênfase na autodeterminação é clara no trabalho de muitos governos africanos para promover o desenvolvimento económico, a derradeira forma de empoderamento. A solidariedade entre Estados e sociedades africanas ajudou a manter as campanhas contra o colonialismo e o apartheid no século XX. Hoje, esse sentimento sustenta a UA e a sua Agenda 2063, um plano de desenvolvimento que procura transformar o continente numa potência económica. Embora o projecto pan-africano ainda seja um trabalho em curso, sendo necessário fazer mais para consolidar a governação democrática em todo o continente, ele tem muito a ensinar ao mundo.

**REORGANIZAR** implica assumir o controlo do seu destino manifesto e exercer o seu direito soberano à autodeterminação. Num sistema que por muito tempo trabalhou para corroer e minar essa autodeterminação, há um momento para acontecer a real “Ascensão Africana”. Em 2022, [o Grupo África](#) nas Nações Unidas, através da liderança da República da Nigéria, aprovou uma resolução sobre a **“Promoção de uma cooperação fiscal internacional inclusiva e eficaz nas Nações Unidas.”** Trata-se de um importante passo para dar voz aos Estados africanos em questões fiscais através das Nações Unidas, tendo calibrado de forma mais significativa a dinâmica de poder, distanciando-a da OCDE que está sempre a favor dos seus membros do norte global. [Em 2023, os ministros das Finanças africanos](#) apelaram unilateralmente por uma revisão abrangente da arquitectura financeira mundial e pela revisão completa do Quadro Comum do G20 para o Tratamento da Dívida. Isso ocorreu em resposta à sua ineficácia em lidar com a profunda crise da dívida que afecta países como Zâmbia, Etiópia, Chade e Gana, que ainda não se beneficiaram desse quadro. O apelo dos ministros africanos obrigou credores, como o FMI e outros, a tomarem conhecimento da insatisfação de África na forma como a sua crise da dívida está a ser gerida.

<sup>11</sup> Publicação: Pulso da África, No. 27, Abril 2023: Alavancar a riqueza de recursos durante a transição para uma economia hipocarbónica <https://openknowledge.worldbank.org/entities/publication/9fb2e192-d542-4cb9-a4c7-5a0dc71f6306>

A nível político, o jugo do colonialismo lentamente está a ser solto. Embora não disponham de um lugar de representação permanente junto ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, Os Estados-membros africanos mostraram um exercício pragmático de poder que chocou muitos dentro e fora da Câmara do Conselho de Segurança. Após a invasão da Ucrânia pela Rússia no ano passado, vários países africanos recusaram-se a tomar uma posição forte contra Moscovo. Dezassete Estados africanos recusaram-se a votar a favor de uma resolução da ONU condenando a Rússia, e a maioria dos países do continente manteve laços económicos e comerciais com Moscovo, apesar das sanções ocidentais. Em resposta, os Estados Unidos e outros países ocidentais repreenderam os líderes africanos por não defenderem a ordem internacional "baseada em regras", tendo enquadrado a neutralidade africana em relação ao conflito ucraniano como uma traição aos princípios liberais. Durante uma viagem aos Camarões em Julho de 2022, O presidente francês, Emmanuel Macron, lamentou a "hipocrisia" dos líderes africanos e os criticou por recusarem-se a "chamar uma guerra de guerra e dizer quem a iniciou".

**REORGANIZAR** diz respeito à autodeterminação e demonstração de resiliência à causa. [Os líderes africanos estão a chegar às arenas globais não como subordinados, mas de igual para igual](#).<sup>12</sup> Este é o legado de Thomas Sankara, cuja ideia girava em torno de políticas que criassem uma identidade partilhada, incentivando a cooperação e o apoio mútuo para alcançar objectivos avassaladores.<sup>13</sup>

---

### **REMOBILIZAR – Por que preocupar-se com a policrise?**

O continente africano enfrenta uma **policrise** que compreende as consequências da pandemia de Covid-19, as emergências climáticas e as repercussões do conflito na Europa a nível mundial. Esta policrise aprofunda-se nos níveis continental e nacional, a medida que a dívida dos países, a austeridade, a consolidação fiscal, a instabilidade política e a instabilidade eleitoral ameaçam a autonomia dos cidadãos africanos. O défice democrático existente em toda a arquitectura global e continental<sup>14</sup> está a minar os direitos dos cidadãos de responsabilizar os líderes e de exigir representação na tomada de decisão. Em vez disso, os cidadãos africanos não estão apenas a subsidiar políticas neoliberais através de impostos regressivos, mas também a subsidiar a democracia e a governação democrática através das taxas de utilização e da privatização dos serviços públicos.

Como africanos, **REMOBILIZAR** depende de uma frente comum e unida em todos os quadrantes da nossa sociedade e de um empenhamento a nível interno no continente e externo em relação ao resto do mundo. Para remobilizar, vale recordar que existiu uma sociedade africana organizada antes do período colonial. Essa sociedade foi organizada no que hoje são considerados princípios de transparência, prestação de contas, governação, participação e sucessão. Os sistemas e instituições políticas africanas eram tradicionalmente baseados em parentesco e linhagem (ou seja, ancestralidade comum), sancionados por um mito fundador. A linhagem era uma força poderosa e eficaz para a unidade e estabilidade na África antiga. Cada linhagem tinha seu chefe, escolhido com base na idade, maturidade e relação com os ancestrais. Em todas as sociedades indígenas africanas, a organização política começou no nível de linhagem ou aldeia.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> [Assista ao minuto 9:19](#)

<sup>13</sup> Mais do que o "Che da África": A vida e o legado de Thomas Sankara [1 de Dezembro de 2022](#) / [Laboratório de Design de História](#) por Noah Elazar

<sup>14</sup> <https://afrodad.org/covid-19-debt-vulnerabilities-opportunity-to-reform-debt-restructuring-mechanisms/>

<sup>15</sup> [The Political Ideology of Indigenous African Political Systems and Institutions from Antiquity to the Nineteenth Century](#), Guy Martin



Portanto, **REMOBILIZAR** é admitir que o sistema financeiro mundial não atende ao propósito da África. O presidente Nyerere, da Tanzânia<sup>16</sup>, chamou o FMI de um instrumento pelo qual as poderosas forças de alguns países ricos exercem o seu poder sobre as nações pobres há várias décadas. Em tempos mais recentes, o Presidente Ruto do Quênia e o Presidente Hichilema da Zâmbia expressaram sentimentos semelhantes à medida que as suas economias começam a afundar sob o peso das dívidas. As condições objectivas exigem uma reimaginação da África como um agente autónomo no sistema internacional, e não como uma vítima passiva de uma ordem predatória e anárquica. Os desafios actuais enfrentados pela ordem internacional liberal do pós-guerra fazem com que essa reimaginação seja imperativa.<sup>17</sup>

Como pode a África **REMOBILIZAR** se o reconhecimento da nossa unidade de propósitos está num sistema manipulado contra nós? Ao quebrar os limites paternalistas e a valorizar o papel das mulheres e dos jovens no nosso continente. Thomas Sankara reconheceu o valor das mulheres “... e o trabalho doméstico delas no projecto dele. Ele incentivou as mulheres a ingressarem na força de trabalho e os homens a reconhecerem o quanto as mulheres contribuíam para a sociedade. Considerando que o trabalho doméstico das mulheres ainda é muito subestimado em todo o mundo, certamente há lições a serem aprendidas com Sankara.”<sup>18</sup> Ao reconhecer que a população milionária da África deve aumentar 42% nos próximos 10 anos, atingindo cerca de 195.000 até 2032, muitos dos quais serão as mulheres e os jovens. Fora do continente, **REMOBILIZAR** significa tirar partido do crescente descontentamento do sistema internacional. Como a Primeira-Ministra Mia Motley e o Presidente Hakainde Hichilema juntos disseram: “**A convergência de crises globais de Covid-19, clima e fome demonstrou que o actual sistema financeiro global está aquém do esperado...**”<sup>19</sup>

Portanto, é urgente que a África e os africanos avancem na agenda de reforma da arquitectura da dívida que precisa ir além das finanças. Dada a proliferação do mercado de credores, os países devedores não deveriam ter de contemplar uma dupla punição por quererem reestruturar a sua dívida ou buscar moratórias. Além disso, redefinir o funcionamento da economia global deve tratar o mau comportamento sistémico que induz a lucrar com o endividamento, a geração e o movimento de fluxos financeiros ilícitos e a responsabilização de agentes privados por seu enganoso comportamento que prejudica a geração de receita tributária, criando assim um terreno fértil para a dívida.

## 5. Pilares da Conferência

A AfCoDD contempla três pilares:

- i. **Político** – Este pilar centrar-se-á no envolvimento e no papel de África na actual arquitectura financeira e da dívida, buscando construir um novo consenso político, de modo que a África pare de tomar empréstimos e de sujeitar-se às regras alheias, passando a ditar as regras e negociar a dívida. A experiência africana em matéria de acerto da dívida tem sido historicamente desordenada e prolongada. Este pilar explorará também a ideia da intersecção da política externa africana com a política económica, comercial e de segurança, bem como a forma de elaborar este marco regulatório político.
- ii. **Investigação e Ideação** – Este pilar visa contribuir para o conhecimento pan-africano e as perspectivas intelectuais da dívida, do financiamento do desenvolvimento e da

<sup>16</sup> [Série Macmillan de Economia Política Internacional](#)

<sup>17</sup> Reimaginar a África: Um continente em transição e suas implicações para a ordem mundial, Clement Adibe

<sup>18</sup> *ibid*

<sup>19</sup> [Primeira-Ministra de Barbados Mia Motley e Presidente da Zâmbia Hakainde Hichilema, 2022](#)

transformação estrutural de África. Durante a AfCoDD, haverá o lançamento de uma revista contendo artigos seleccionados para apresentação.

- iii. **Mobilização Pública #SisiNdioTuko** – Este pilar tem a ver com a construção sustentada do movimento cívico nacional para além da actual crise da dívida. Os cidadãos dos países em desenvolvimento e os seus governos precisam aproveitar a oportunidade apresentada pela COVID-19 para exigir um novo mecanismo de resolução de dívidas que trate a legalidade, legitimidade e sustentabilidade das dívidas.
1. **Objectivos - Envolver-se no diálogo político, na partilha de informações e conhecimentos sobre a forma de lidar com os desafios do financiamento do desenvolvimento em África, num contexto de múltiplas crises enfrentadas pelo continente.**
    - i. **Apelar por reformas na arquitectura financeira global que rege a dívida pública:** Os princípios e mecanismos que protegem os países devedores de credores aproveitadores devem ser revistos com base na suspensão, renegociação, reestruturação e anulação. Isso inclui considerar a possibilidade de mudança no panorama dos credores e a proliferação de instrumentos da dívida disponíveis aos governos africanos. Que um novo mecanismo de reestruturação da dívida soberana seja obrigatório a todos os credores, inclusive os credores comerciais, de modo a dificultar que a figura do *hold out* (credor resistente) impeça os exercícios da dívida soberana.
    - ii. **Buscar soluções significativas para a dívida:** O aperto financeiro em que se encontram os governos africanos foi agravado pelos efeitos prolongados da pandemia global de Covid-19. As pressões do pagamento da dívida em meio ao declínio das receitas têm forçado os governos africanos a abrir mão da protecção dos cidadãos contra os imprevistos da pandemia para pagar os credores. Assim, busca-se apoiar a proposta da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) de constituir uma Autoridade Internacional para supervisionar a suspensão temporária das obrigações de dívida de países em desenvolvimento.
    - iii. **Apelar pela vedação das fugas financeiras:** A União Africana deve se concentrar em fechar os vazamentos financeiros, inclusive resolver os fluxos financeiros ilícitos e apoiar iniciativas que estimulem a mobilização de recursos domésticos para combater a pandemia. São preocupações crescentes: a questão dos fluxos financeiros ilícitos, da dívida, dos paraísos fiscais e da cultura empresarial agressiva, bem como a privatização do desenvolvimento. Estima-se que África possa angariar USD 89 mil milhões por ano se conseguir travar os fluxos financeiros ilícitos. O *status quo* que governa as finanças globais é distorcido, já que os fluxos financeiros ilícitos representam um roubo duplamente qualificado: uma expropriação de fundos que também rouba milhares de milhões de um futuro melhor.

## 2. Formato

A AfCoDD será realizada presencialmente e transmitida ao vivo em todas as nossas plataformas de media social.

## 3. Cronograma

A AfCoDD terá duração de 3 dias, de 30/08/2023 a 01/09/2023 em Dakar, Senegal e será entregue como conferência híbrida: física e virtual. Para mais informações, entre em contacto com John Oduk [john@afrodad.org](mailto:john@afrodad.org) e Aurore Sokpoh [eventscoordinator@afrodad.org](mailto:eventscoordinator@afrodad.org)

---

<sup>i</sup> O AFRODAD alertou em 2021 que uma rodada mais profunda de programas de consolidação fiscal e austeridade do FMI estaria no centro de seus programas de alívio da dívida, numa tentativa de proteger os interesses dos credores e os pagamentos aos accionistas da dívida africana.

<sup>ii</sup> Países da África Subsariana estão a pedir dinheiro emprestado para atravessar a pandemia. Mas o serviço dessas dívidas significa uma posterior austeridade – e os consequentes cortes na saúde [serão os que mais prejudicarão as mulheres](#).

<sup>iii</sup> A pandemia global de Covid-19 foi um [choque sem precedentes](#). Uma crise sanitária que fechou todo o ecossistema económico e comercial global por quase um ano; uma crise sanitária que continua a [reconstituir o condicionamento social](#) natural [do ser humano](#); uma crise sanitária que demonstrou que a retórica política faz exactamente o que diz na lata 'ouça o que eu digo, mas não faça o que eu faço!'; e uma crise sanitária que [expôs descaradamente](#) o apetite insaciável pelo [lucro, pela desigualdade e pelo poder](#).

<sup>iv</sup> <https://www.theguardian.com/technology/2021/may/04/amazon-sales-income-europe-corporation-tax-luxembourg> Este artigo demonstra como a arquitectura financeira internacional é desviada a favor das empresas multinacionais e como os lucros acima das pessoas dominam a arena política global.